

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A INFLUÊNCIA DA PÓS-MODERNIDADE E O DESAFIO DE PASTOREAR The influence of post-modernity and the challenge of shepherding

Leandro Hins de Brito¹

RESUMO

A pesquisa a seguir apresentou de forma resumida como a pós-modernidade tem se apresentado, tanto no contexto secular quanto no eclesial. Abordou pontos de como essa “era” tem fornecido aos seus consumidores e espectadores um mundo onde quase tudo é relativo e condicionado ao momento. Mostrou, de forma resumida, como a influência da pós-modernidade afetou a religião e o cristianismo. Também como o ministério pastoral foi impactado pelas novas tendências secularizadas e como o pastor deveria se portar diante das mesmas. Mostrou que, acima de qualquer condição imposta pelos novos padrões sociais, que o pastor deveria estar sensível à voz de Deus, pois está cuidando das ovelhas do Cordeiro.

Palavras-chave: Influência. Pastorear. Pós-Modernidade.

ABSTRACT

The following research summarized how postmodernity has been presented, both in the secular and in the ecclesiastical context. It addressed points on how this “era” has provided its consumers and viewers with a world where almost everything is relative and conditioned to the moment. It showed, in a summarized way, how the influence of post-modernity affected religion and Christianity. Also how pastoral ministry was impacted by new secularized trends and how the pastor should behave in the face of them. He showed that, above any condition imposed by the new social standards, that the shepherd should be sensitive to the voice of God, because he is taking care of the sheep of the Lamb.

Keywords: Influence. Shepherd. Post-Modernity.

¹ O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira e pós-graduando em Neuropsicopedagogia e Psicanálise Clínica. E-mail: Leandrohins@gmail.com

INTRODUÇÃO

Ao longo da história da humanidade alguns assuntos sempre aguçaram o senso de curiosidade dos seres humanos. Nesse sentido, a pós-modernidade está acompanhada de novos desafios. Quando se fala em desafios, com certeza gera anseio compreender o desconhecido. Sabe-se, porém, que o mundo tem passado por muitas mudanças em todas as esferas da sociedade.

Por ser um assunto que transita entre duas cosmovisões – secular e cristã – existem desafios a serem analisados. Desta maneira, percebe-se a importância de abordar o tema proposto. No entanto, a pesquisa não pretende abordar profundamente toda a questão, apenas apresentar um breve panorama a respeito do mesmo, visto que o tema possui muitas linhas de estudo e divergências de opiniões.

Desta forma, este artigo terá como objetivo inicial discorrer sobre a cosmovisão do termo pós-modernidade e suas convicções e do conceito de pastoreio, palavra cujo significado possui dupla característica e aplicabilidade. Na sequência, abordar-se-á a influência da pós-modernidade na religião, analisando aspectos do mundo moderno e do pós-moderno. Além disso, serão apresentados alguns impactos que a religião sofreu. Finalizando, apresentar-se-á o desafio de pastorear diante das mudanças que foram se apresentando ao longo dos séculos.

1. COSMOVISÃO DE PÓS-MODERNIDADE E PASTOREIO

Abordar questões relacionadas ao contexto atual nem sempre será uma tarefa simples, tendo em vista que o conhecimento se multiplica e se aperfeiçoa quase que diariamente. Mesmo assim, de forma breve apresentar-se-á o conceito de modernidade, pós-modernidade e pastoreio.

1.1 Modernidade

Inicialmente, antes mesmo que começasse a pós-modernidade, o período entre os séculos XIX e XX, foi marcado como a Era da Modernidade. Período que ficou conhecido por três grandes domínios: filosofia, arte e cultura. Dentro dessa divisão, a religião não era mais a detentora hegemônica do conhecimento.² O termo “modernidade” é de grande complexidade, pois trata-se de uma era moderna com exigências normativas, permitindo a superação de pendências em relação às tradições políticas e religiosas. Liga-se amplamente ao progresso da sociedade, como também a grupos específicos e classes. Em contrapartida, também houve perda de raízes e declínio da cultura moral.³

Opiniões em relação ao início do período da era moderna variam. Muitos consideram o Renascimento (XIV e XV), enquanto outros relacionam a modernidade ao período do

² SCHACH, Vanderlei A. **A inflação da Palavra de Deus na pós-modernidade**. Ijuí: Seminário Teológico Batista de Ijuí, 2003, p. 41. TCC de Bacharel em Teologia,

³ RENDTORFF, Trutz; GISEL, Pierre (Org.). MODERNIDADE. **Enciclopédia do protestantismo**: teologia, eclesiologia, filosofia, história, cultura, sociedade, política. Tradução de Norma Cristina G. São Paulo: Hagnos, 2016, p. 1197-1198.

Iluminismo (XVIII), que ficou marcado como Século das Luzes. O que muitos reconhecem é que houve mudança significativa de paradigmas, afetando profundamente as cosmovisões, as crenças, o mundo acadêmico e grande parte dos afazeres humanos. Todas essas mudanças tiveram influências importantes sobre o cristianismo, iniciando pela Europa e América do Norte e posteriormente chegando aos países do hemisfério sul.⁴

Como discorre Schach, o modernismo tentou afirmar, de modo geral, que a ciência e a filosofia poderiam suplantam a tendência humanista do pensamento religioso. O referido autor menciona que, no pensamento moderno, acredita-se que a nova antropologia é moderna quando leva ao extremo a luta contra a religião e mais precisamente contra o cristianismo, sendo estes temas centrais das obras de Nietzsche e Freud.⁵ De maneira sutil o modernismo invadiu o campo da religião, apresentando-se de modo enganoso e disfarçado, tentando sustentar que o universo é resultado da evolução. De modo geral, o modernismo tentou provar que os fatos sobrenaturais apresentados na Bíblia não passavam de mitos e lendas.⁶ Segue-se, então, a uma nova época chamada Pós-modernidade.

1.2 Pós-Modernidade

Historicamente, o movimento pós-moderno surgiu em meados de 1950 e 1960, ganhando força em 1970. Iniciou como um movimento conservador à modernidade, expresso na literatura e artes e, posteriormente avançou para a sociedade de modo geral. Tamanho foi seu impacto que passou a modelar e caracterizar a época em que se vive, desde então.⁷ A pós-modernidade irrompeu no mundo mediante o vazio deixado pela modernidade, visto que suas pressuposições fundamentais entraram em crise. Os planos modernos de promover a paz social e de proporcionar melhores condições de vida através da ciência, da tecnologia e do progresso se dissolveu como bolas de ar.⁸

A pós-modernidade é percebida como um aprofundamento das tendências contraditórias do modernismo, bem como o instinto e o prazer liberados até às suas últimas consequências, desconstruindo as tensões estruturais da sociedade e o domínio da política, cultura e economia. Nesse sentido, as supostas verdades absolutas são totalmente deixadas de lado.⁹ Schach observa que a pós-modernidade é um tanto quanto difícil de descrever, visto que o ser humano está dividido em relação a suas convicções, futuro, ideologia e, principalmente, sobre a religião. Mediante isso, tenta encontrar sentido para seus anseios nas múltiplas opções oferecidas, mas, nem mesmo assim, consegue escolher ou definir o que realmente quer.¹⁰ Em relação às verdades concretas percebem-se também que:

⁴ SALINAS, Daniel; ESCOBAR, Samuel. **Pós-modernidade: novos desafios à fé cristã**. 2.ed. São Paulo: ABU, 2002, p. 14.

⁵ SCHACH, 2003, p. 9-10.

⁶ SCHACH, 2003, p. 10.

⁷ ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p. 33.

⁸ MARTINS, Jaziel Guerreiro. O espírito e a cosmovisão da pós-modernidade. **Revista Via Teológica**, n. 6. Curitiba. 2002, p. 36.

⁹ SADOVIK, Luri de Brito. **O significado do casamento na sociedade pós-moderna**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2018, p. 45. TCC de Bacharel em Teologia.

¹⁰ SCHACH, 2002, p. 10-11.

Verdades absolutas são totalmente descartadas do pensamento pós-moderno. Além disso, não existe conhecimento neutro, pois o que era apresentado na modernidade como verdade objetiva, estava, na verdade, carregado de bagagem ideológica, tal como o patriarcalismo, o racionalismo, entre outros. Essas abordagens pós-modernas deixam pouco espaço para qualquer noção de que haja uma ordem no mundo real independentemente da construção humana.¹¹

Alguns escritores sugerem que é preciso fazer uma diferenciação entre os termos pós-modernidade e pós-modernismo. Bauman define da seguinte maneira: “pós-modernidade significa uma sociedade ou um tipo de condição humana, enquanto pós-modernismo sugere uma visão de mundo que pode emergir, mas não necessariamente, da condição pós-moderna”.¹² Observa-se ainda que:

No modernismo, havia a ideia de que existia uma metanarrativa¹³, um enredo abrangente e um significado para a vida, mas sem um metanarrador. Não havia necessidade de alguém que falasse. A realidade era vista totalmente como algo material. Nada sobrenatural era necessário. Qualquer sentido moral nessa narrativa era somente aquele que pudesse ser estabelecido pela razão objetiva; nenhum Deus era necessário. Tratava-se na essência de um sistema ateu. [...] Ao se revoltar contra isso, o pós-modernismo foi além, dizendo que, na verdade, não só não existe um metanarrador como tampouco existe uma metanarrativa. A única coisa que existe é a narrativa do indivíduo. Além disso, à medida que o significado abrangente sai de cena e a metanarrativa desaparece, o eu se torna fragmentado e tende a tomar a própria definição da comunidade à sua volta. O ‘eu’ no pós-modernismo é completamente incapaz de ser julgado por qualquer outro, exceto nos termos de poder. O ‘eu’ se torna a última palavra; o ‘eu’ é divinizado.¹⁴

Uma das características da pós-modernidade é dizer *não* as verdades absolutas, mas relativizar tudo à sua volta. Desse modo, a tendência é contrapor-se ao absolutismo cristão. Além do mais, dentro do conceito de pós-modernidade a verdade torna-se aquilo em que é vantajoso crer.¹⁵ Dentro do pensamento pós-modernista, tudo é relativo, a rejeição de absolutos induz a repudiar qualquer conceito de verdade universal.

O indivíduo pós-moderno é um produto cultural definido pela sociedade. Suas emoções, ações e a interpretação de si mesmo são pré-definidas pela sociedade. Deste modo, o ser humano passa a produzir um ambiente propício para a negação da culpa e das responsabilidades. Cada vez que uma pessoa ou grupo tenta dizer que possui uma verdade, principalmente a verdade religiosa, resulta-se em uma repreensão, por acreditarem que a única verdade é que não existe verdade absoluta, tudo é uma questão de escolhas.¹⁶

¹¹ SADOVIK, 2018, p. 13.

¹² FONTENELLE, Isleide Arruda. **Pós-modernidade: trabalho e consumo**. São Paulo: Cengage, 2008, p. XII.

¹³ METANARRATIVA: termo literário e filosófico que significa: a narrativa contida dentro ou além da própria narrativa.

¹⁴ SADOVIK, 2018, p. 13.

¹⁵ MARTINS, Jaziel Guerreiro. Pós-modernidade e teologia. **Revista Via Teológica**, n. 7. Curitiba. 2003, p. 80.

¹⁶ SALINAS, 2002, p. 30-33.

Mediante essa complexidade e fragmentação do que é absoluto, bem como daquilo que relativo ou mesmo produto de um ambiente cultural, surge a necessidade de melhor compreender o papel do pastoreio.

1.3 Conceito de pastor/pastorear

Pastor é relacionado com a palavra bispo, ou mesmo com pastor do rebanho de Cristo. No Novo Testamento, especificamente os textos de Atos 20.17-28,¹⁷ Tito 1.5-7 e 1 Timóteo 3.1-7, descrevem algumas funções e características que eles deviam ter. O pastor é visto como celebrante principal do culto, pastor principal do rebanho, ou mesmo como administrador principal do povo de Deus.¹⁸

Há dois sentidos para definir a palavra pastor no contexto bíblico: aquele que pastoreava ou guardava o gado ou ovelha; também, aquele que auxilia a comunidade local por meio do ensino e da exortação. Gênesis 49.24 faz menção pela primeira vez em relação a Deus como Pastor.¹⁹ Segundo Youngblood, um pastor dedicado oferece proteção, direção, consolo, mas muitas vezes também oferece a vara e o cajado, com a intenção de reconduzir a “ovelha” de volta a seu grupo.

Pastorear não é manipular pessoas para usá-las em seus projetos de poder pessoal. Pastorear não é meramente administrar uma instituição ou gerenciar um grupo de pessoas, como se a igreja fosse uma empresa, em que o que importa são metas e números. Pastorear não é tyrannizar pessoas, dominando suas vontades, corações e mentes, sem respeito por sua dignidade e integridade. Pastorear é guiar, alimentar, dessedentar, curar, ensinar, restaurar, apoiar, fazer crescer, consolar, encorajar e estimular. Pastorear é servir, e não ser servido.²⁰

Pastor é aquele que cuida do rebanho (Ovelhas). Nesse sentido, o Antigo Testamento apresenta, em uma linguagem figurada, Deus como o Pastor líder de Israel (Sl 80.1; Ez 34.14). O Novo Testamento fala de Jesus como o bom pastor que dá a vida pelas ovelhas (Jo 10.11). A Bíblia menciona a palavra pastor pela primeira vez na passagem relacionada a Abel (Gn 4.2). Muitos reis e líderes que governaram Israel também foram chamados de pastores (Jr 6.3; 49.19; 23.4).²¹ Ao observar a conceituação de pastoreio, fica aparente que é algo a ser desenvolvido com muita sabedoria. O desafio é como desenvolver isso frente a um contexto em que a religião está diante daquilo que é considerado relativo. Tendo em vista esta questão, o capítulo seguinte fará alguns apontamentos.

¹⁷ SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia Sagrada**. Nova Almeida Atualizada. Tradução João F. de Almeida. São Paulo: SBB, 2018, p. 855-856.

¹⁸ HORN, C. III; KLOOSTER, F. H. BISPO. In: **Enciclopédia Histórica-Teológica da Igreja Cristã**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2009, v.1. p. 195.

¹⁹ SILVA, Claudemir Pedroso da. (org). **Minidicionário bíblico**. São Paulo: Equipe DCL, 2012, p. 323.

²⁰ MACRI, Sylvio. **Pastoreia as minhas ovelhas**. Disponível em: <http://www.prazerdapalavra.com.br/colunistas/sylvio-macri/6806-pastoreia-as-minhas-ovelhas-sylvio-macri>. Acesso em: 21 out. 2020

²¹ YOUNGBLOOD, Ronald F.; BRUCE, F. F.; HARRISON, R. K. **Dicionário ilustrado da Bíblia**. Tradução de Lucília M. Pereira. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 1083.

2. A PÓS-MODERNIDADE E A RELIGIÃO

Grandes desafios surgiram nos últimos séculos, e de certa forma, impactaram diretamente na maneira como o ser humano se relaciona com o outro e individualmente. Alguns fatores como o pluralismo, o relativismo, a fé mística e a religiosidade baseada em recompensa, estas e outras questões, influenciaram diretamente na maneira como a igreja se encontra frente ao cenário pós-modernista.

2.1 Reflexo de um mundo moderno e pós-moderno

Podem ser observados claramente alguns fatores que acompanham e influenciam o mundo no século XXI. Dentre eles, o pluralismo ideológico, cultural e religioso, a relatividade histórica e também a crise da modernidade. Dentro desse processo, conhecido também como advento da globalização, o sistema midiático destacou-se de forma transformadora e global. A internet, as transmissões ao vivo derrubaram as fronteiras da falta de conhecimento, de modo que muitas barreiras e preconceitos fossem quebrados. Os denominados grandes centros do mundo foram derrubados de seu eixo central.²²

As influências sofridas pelas mudanças da era moderna no cristianismo já haviam sido complexas. A modernidade, por um lado, serviu tanto como aliada, como também inimiga do cristianismo. Schleirmancher considerava que os conceitos bíblicos, tais como os milagres, a encarnação, a morte substitutiva e sacrificial de Cristo, eram inadequados ao indivíduo moderno. Mesmo dentro do protestantismo mais conservador ocorreram mudanças significativas: teologias escapistas, movimentos espirituais baseados em experiências sensoriais, visões e manifestações subjetivas.²³

No entanto, nem toda influência do modernismo foi ruim. Alguns homens, como John Wesley (1703- 1791), Jonathan Edwards (1703-1758), Charles Spurgeon (1834-1892), dentre outros, não deixaram de anunciar o despertar espiritual.²⁴

Cunha observou as mudanças ocorridas entre a era do modernismo e dos pós-modernismo, da seguinte maneira:

Se na modernidade a filosofia era primordialmente otimista, na pós não é pessimista, mas cínica; se na modernidade o Estado laico se tornaria árbitro das injustiças humanas, na pós ele precisa diminuir por perdulário, autoritário, burocrático e corrompido; se na modernidade o deicídio era vertente teológica seriamente considera por teólogos; na pós discute-se um macro ecumenismo; se na modernidade, a razão, o método e o experimento empírico desfariam a ignorância das multidões ainda escravizadas pelas superstições místicas da Idade Média, na pós abriu-se caminho para o saber intuitivo, para a inteligência emocional e para verdades não racionais; na

²² CUNHA, Paulo R. **A sedução**: os efeitos da pós-modernidade na espiritualidade. Curitiba: Esperança, 2006, p. 15.

²³ SALINAS, 2002, p. 21.

²⁴ SALINAS, 2002, p. 21-22.

modernidade a tecnologia abria estradas para um mundo melhor; na pós, ela é vilã do ambiente.²⁵

Ramos menciona que é preciso compreender melhor essa cosmovisão do mundo atual. Para que isso ocorra, seria necessária uma valorização das novas tecnologias de comunicação, visto que são decorrentes do novo modelo proposto pela pós-modernidade. Ainda, é muito importante compreender o cenário capitalista financeiro, as novas formas de comunicação, via internet, e, diante disso, ficar atento às novas comunidades virtuais.²⁶

No entanto, referindo-se à espiritualidade pós-moderna, observa-se que o ser humano não está preocupado com a verdade absoluta. Os valores morais tornaram-se relativos, místicos e genéricos. O que pode ser claramente observado, é que a ortodoxia bíblica é extremamente divergente. Quando comparada com a era pré-moderna e moderna, a religião tinha a ver com crenças do que realmente era real. Ou Deus existia ou não, ou Jesus ressuscitou dos mortos ou permaneceu nos sepulcros. Entretanto, na pós-modernidade, a religião tem muito mais a ver com escolhas, preferências: eu vou acreditar naquilo que me faz bem.²⁷

Difícilmente será possível negar que o ambiente no qual o indivíduo está inserido não o influencie. Tudo que é visto, lido, ou que se assiste ou apenas se ouve, tem o poder de influenciar. Essa “era” também se consolidou como a “era da linguagem” tem, por conseguinte, o marketing ditando a postura da sociedade. Sendo assim, como a igreja é formada por diferentes grupos de pessoas, está altamente exposta a sofrer influências. Mesmo pessoas que expressam sua fé por meio de alguma religião, estão sujeitas a serem influenciadas. De algum modo a sociedade pós-moderna está invadida pela filosofia humanista, que tem por objetivo colocar o ser humano no centro de tudo.²⁸ Toda esta influência recebida do cenário pós-moderno, levou a religião a mudanças.

2.2 Mudanças no meio religioso com a chegada da pós-modernidade

Poderia esse sistema pós-moderno conviver com a fé? Tendo em vista que o perfil das pessoas pós-modernas muito se assemelha a um sistema de navegação, uma vez que estão sempre à procura de algo novo e dificilmente conseguem se identificar com a religião institucionalizada, vista como representante de uma época passada e que não é capaz de suprir os anseios humanos. Pode-se dizer que não! Levando em consideração que o compromisso com uma doutrina já não faz tanto sentido, o que muitos estão de fato procurando é uma alternativa que lhes forneça de maneira imediatista segurança, que atenda as demandas da clientela. Essa postura se configura numa substituição de crença por atitude de busca.²⁹

²⁵ CUNHA, 2006, p. 19-20.

²⁶ RAMOS, Robson. **Evangelização no mercado Pós-moderno**. 2.ed. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 87-89.

²⁷ RAMOS, 2009, p. 90-91.

²⁸ CUNHA, 2006, p. 27-28.

²⁹ RAMOS, 2009, p. 90.

A igreja, de modo geral, tornou-se secularizada, o reflexo disso é descrito muito bem na obra: *A Teologia que vem dos palcos evangélicos*. A autora descreve, no segundo capítulo de sua obra, a relação da pós-modernidade com o termo teologia e com o cristianismo. Nesse sentido, ela menciona alguns fatores que influenciam a forma como os cristãos interpretam a mensagem das Escrituras.³⁰ Dentre esses fatores: desilusão, fase em que o indivíduo encontra-se decepcionado pela falta de comprovação científica das promessas feitas pelo modernismo, o qual, de certa forma também afetou a teologia. Diante disso, as pessoas se tornam alvos fáceis de novas facções religiosas, sociais e políticas.³¹

Outros fatores passam a ganhar força, por exemplo o ceticismo, que contribuiu com o ateísmo. O pluralismo³² é outro fator que ganha destaque, contribuindo para que a espiritualidade do ser humano seja analisada dentro dos conceitos de realização e satisfação pessoal, induzindo as pessoas a desenvolverem outro aspecto: o individualismo.³³ Frente ao aspecto do individualismo, destacam-se vários fatores: a religião limita-se ao mundo pessoal e mágico da autoajuda; a religiosidade baseia-se na libertação, na alegria, na vitória; em igreja protestante, o culto recebe influências de elementos estranhos à Bíblia.³⁴

A era pós-moderna caracteriza-se pela pluralização, termo mencionado no parágrafo anterior. Cunha, ao comparar a igreja como um sistema de mercado, acerta o alvo em cheio. Ele menciona que, da mesma forma como as pessoas, de modo geral, estão se tornando exigentes em relação a diversos segmentos mercadológicos, muitos fiéis são consumidores espirituais e muitas igrejas são verdadeiros balcões de ofertas celestiais.³⁵

Ainda, ele menciona que, frente à pós-modernidade, os púlpitos perderam a centralidade da mensagem de Cristo.

(...) o efeito da pluralidade de mercado já mencionada. O estabelecimento que atrai aquele que tem de tudo e algo mais. A religiosidade praticada atualmente tem sido afetada pesadamente por igrejas que mais se assemelham a um shopping center, ou loja de conveniências. Tudo para atrair o maior número de consumidores. O que deveria ser uma união de força para evangelizar o mundo passou a ser uma competição. Qual é o problema nisso tudo? (...) o desvio do primeiro foco do evangelho, a preocupação com o destino da alma humana. Não se fala mais contra o pecado, de ética e muito menos do destino das almas ou da volta de Jesus

³⁰ KRÜGER, Harriet Wondracek. *A teologia que vem dos palcos evangélicos*. Curitiba: ADSantos, 2017, p. 85.

³¹ KRÜGER, 2017, p. 86-87.

³² PLURALISMO: Pluralização é o processo pelo qual o número de opções na esfera privada se multiplica rapidamente em todos os níveis, em especial no nível das cosmovisões, da fé e das ideologias. Em que as pessoas adquirem um certo grau de exigência, entendendo que o mercado depende delas para crescer, gerando assim, uma nova necessidade: a busca por excelência para atrair novos consumidores. A grande questão na pluralidade tanto é ser o resultado de pseudonecessidades quanto geradora de novas necessidades, sendo estas desnecessárias. Ou seja, as pessoas passam a ter necessidades que não passam de simples vícios, categorizando uma geração de meros consumidores infieis e insatisfeitos. CUNHA, 2006, p. 51-52.

³³ KRÜGER, 2017, p. 87-88.

³⁴ KRÜGER, 2017, p. 90.

³⁵ CUNHA, 2006, p. 54.

Cristo. Esse tipo de mensagem não dá ibope. Só se fala em benção e vantagens (geralmente financeira e material) para os que creem.³⁶

Ainda analisando questões relacionadas ao pluralismo, Salinas observa que, na era pós-moderna, nenhuma religião tem o direito de declarar-se correta e aos demais falsas. No entanto, o que se anuncia é que todas as religiões são iguais. Esta pluralidade tem afetado de modo significativo a abordagem evangélica diante do mundo. Está se perdendo o conceito de crença em um Ser Supremo e o sedimento cristão está desaparecendo. Nesse meio, muitas pessoas estão vivendo sem nenhum contato real com Jesus. A mensagem de Cristo como o único caminho é rejeitada ou simplesmente incompreensível à mente pós-moderna.³⁷

Juntamente com o pluralismo, surge também o que é conhecido na era pós-moderna como relativismo. Este, por sua vez, tenta impor que tudo que o ser humano pode saber acerca das realidades e as relações entre diferentes partes, é relativo ao tempo e à pessoa. Salinas observa o seguinte acerca do relativismo:

O relativismo produz indivíduos que, querendo ser “politicamente corretos”, encontram-se sem opiniões pessoais (no momento que dou uma opinião, estou impondo a minha cosmovisão), sem segurança ontológica (não sei quem sou e seria uma arrogância querer sabê-lo), sem base epistemológica (não sei se é possível conhecer algo ou ter certeza) e sem princípios éticos universais (o que é certo para mim não tem que ser certo para você).³⁸

O relativismo dificulta o diálogo que contribui com a verdade. Cada indivíduo busca crer na sua verdade. No âmbito da religião, o importante é buscar uma espiritualidade que funcione para o indivíduo, como se fosse um sistema de “bufê”. Salinas ainda menciona que, na sociedade pós-moderna, a religiosidade pode ser descrita como: antropocêntrica, cômoda, céptica, emocional e anti-intelectualista, e que em muitos casos acaba no “aleluia e glória a Deus”. Diante de tantos argumentos, percebe-se claramente que a pós-modernidade exerce seguramente grande influência sobre a fé bíblica, mas principalmente no compromisso particular de cada cristão.³⁹ Em meio a esse contexto pluralizado encontra-se o desafio do pastor em conduzir a igreja em uma perspectiva bíblica. Esse será o foco do próximo ponto deste artigo.

3. O DESAFIO DE PASTOREAR NO SÉCULO XXI

Muitas mudanças apresentaram-se no decorrer do século, estas que vieram acompanhadas de grandes desafios em diferentes áreas da sociedade. Entre esses desafios encontra-se o de conduzir uma igreja dentro dos princípios e valores da Bíblia, sendo que esta permaneça fiel a Palavra, mas que de alguma maneira seja relevante a sociedade a sua volta, isso, sem perder o seu propósito. Esse será o destaque dos pontos que seguem.

³⁶ CUNHA, 2006. p. 54-55.

³⁷ SALINAS, 2002, p. 35-36.

³⁸ SALINAS, 2002, p. 37.

³⁹ SALINAS, 2002, p. 37-38.

3.1 Breve contextualização do cenário do século XXI

Certo é que no século XXI muitas mudanças aconteceram também nas igrejas evangélicas. Nesse sentido, surgem também muitas perguntas quanto ao ministério pastoral da atualidade, a saber: O que o pastor deve fazer? Como moldar o ministério contemporâneo de acordo com os mandatos bíblicos? A igreja vive uma fase de transição, incerteza, inquietação, necessitando de um redirecionamento. De fato, a igreja vive um momento de contraste entre modelos ministeriais, não algo relacionado ao tradicional versus o contemporâneo, mas o bíblico contra o não bíblico. Não é de surpreender que funções pastorais definidas pelas Escrituras tenham sofrido sérias pressões.⁴⁰

Um dos grandes problemas das igrejas é que muitas não possuem uma “cosmovisão cristã”.⁴¹ Sendo assim, percebe-se que sutilmente mudanças foram acontecendo nas igrejas. Então surge a pergunta: quais foram as mudanças que contribuíram para a mudança de mentalidade da igreja

São muitos os pormenores a serem observados frente à nova mentalidade que foi sendo formada em decorrência das transformações dos últimos séculos. Percebem-se claramente os impactos no pensamento cristão da atualidade, ora devido à mentalidade pós-moderna e ora por causa das orientações teológicas.

O pós-modernismo apresenta-se como um desafio enorme à fé cristã, muitas questões têm sido colocadas entre o evangelho e a cultura: as ideologias, a informalidade (igrejas que surgem e em pouco tempo desaparecem), o relativismo, hedonismo, uma enorme explosão de sentimentos (arrepios, unção, músicas que alimentam o ego, etc.).⁴² Desde o tempo em que Jesus disse que edificaria a sua igreja, muita coisa mudou. A sociedade mudou constantemente em suas gerações e a igreja de maneira alguma ficou estagnada no tempo. Manter-se relevante no local em que está inserida é uma grande missão.

Embora seja uma árdua missão e necessite contextualizar-se numa sociedade que vive em constante mudança, o maior desafio é continuar direcionando a igreja para que seja luz do mundo e o sal da terra, mantendo os princípios e valores espirituais e morais. Além disso, perguntas como: por qual, ou quais motivos as pessoas têm frequentado essa ou aquela igreja, será que elas têm refletido e influenciado na formação espiritualidade sadia voltada para Deus?⁴³

⁴⁰ MACARTHUR Jr, John. **Redescobrimo o Ministério Pastoral**. Rio de Janeiro: CPAD, 1998, p. 21-28.

⁴¹ LIMA, Daniel Barros. **COSMOVISÃO CRISTÃ**. A cosmovisão cristã vai colocar o entendimento do universo como criação de Deus, e todas as esferas de conhecimento, possíveis de estarem presentes na humanidade, como procedentes do Deus único e verdadeiro, Senhor do universo, comunicadas a nós por Cristo “... no qual estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento” (Cl 2:3). Por isso é necessário que cada cristão, tenha uma boa compreensão deste tema. Porque precisará também orientar os novos na fé nesse entendimento. Cosmovisão cristã, também, tem tudo a ver com o estudo da Educação; Ciência; Filosofia; Governo; Economia, Arte, Tecnologia, etc, pois são áreas de conhecimento e de atividades humanas que, para serem adequadamente compreendidas e exercitadas, não podendo ser dissociadas dos princípios contidos nas Escrituras. LIMA, Daniel Barros. **Cosmovisão cristã: a transformação da mente cristã na contemporaneidade**. **Protestantismo em Revista**. São Leopoldo: v. 36. Jan./abr. 2015, p. 49-50.

⁴² SALINAS, 2002, p. 59-76.

⁴³ CUNHA, 2006, p. 92-93.

Coccaro menciona que a contextualização tem sido alvo de vários estudos. Segundo alguns escritores, ela tem sido uma das chaves para o ministério eficaz nos dias de hoje, principalmente em grandes centros urbanos e culturais. No entanto, não se pode superadaptar o evangelho a nossa cultura nem subadaptá-lo a novas culturas. Pelas seguintes questões:

Primeiro, corre-se o risco de cair no relativismo ou no liberalismo; no segundo, a consequência é o conservadorismo cultural. Portanto, os dois perigosos extremos no que tange à contextualização são: a subadaptação e a superadaptação da mensagem. No primeiro caso, reside o medo de qualquer contextualização. Alguns cristãos, temendo o sincretismo, optam por permanecer longe da cultura local. O evangelho é pregado sem sensibilidade cultural. Tais pessoas gostam de dizer que contextualizar significa dar às pessoas o que elas querem ouvir. Por outro lado, pode haver uma obsessão com a contextualização. Esta segunda posição é igualmente danosa à comunicação do evangelho. Para seus defensores, todas as culturas são vistas como igualmente boas, não podem ser julgadas e devem ser preservadas a todo custo. No entanto, o encontro acrítico entre evangelho e cultura ofusca o papel da igreja como a luz do mundo bem como anula seu caráter contracultural no meio da sociedade.⁴⁴

Brito, referindo-se ao livro de Eugene Peterson, *“A Vocação Espiritual do Pastor”*, observa que no momento atual que a igreja está vivenciando, cada vez menos se fala sobre o preparo e formação pastoral e cada vez mais na formação de líderes. Essa linha de pensamento, segundo ele, vem corrompendo a vocação. Essa mentalidade faz com que a igreja passe a refletir mais as estruturas eficientes do mercado e menos a imagem da glória de Deus; entretanto, ele observa que há um clamor das ovelhas.⁴⁵

No mundo pós-moderno percebe-se que as ovelhas estão à procura de um pastor que as guie. Diante disso, surgem os falsos mestres, líderes “espirituais” de todos os lados e todos os gostos, que na verdade mais se parecem com verdadeiros gurus e guias e que são intitulados como: mestres, mentor, bispo, profeta, apóstolo, missionário, pastor e outros.⁴⁶

Embora tenha que contextualizar a mensagem anunciada, se a igreja atual quiser alcançar as gerações futuras, não pode parar no tempo, é preciso empregar todo o esforço possível para continuar a escrever a história da Igreja. Contudo, será necessário ter cuidado para não desfazer o que legitimamente foi deixado pelos que deram a vida por causa do Evangelho, para que chegasse até onde chegou.⁴⁷ Diante disso, compreende-se também que um grande desafio do pastor para com a igreja é:

... ser um organismo vivo (...) (a igreja não é uma simples organização ou instituição religiosa, mas um organismo vivo – o corpo de cristo), composta e formada, formada por indivíduos que participam efetivamente da

⁴⁴ COCCARO, Giuliano Letieri. Pregando num “mar de mudanças”: contribuições a partir do conceito de contextualização de Newbiggin. **FIDES REFORMATATA** XXI, n 2. 2016, p. 12.

⁴⁵ BRITO, Neilson Xavier. Salmo 23.4: uma proposta de modelo pastoral para momentos de crise. **Revista Ensaios Teológicos**. v. 2, n. 01. Ijuí: Junho/2016, p. 99.

⁴⁶ CUNHA, 2006, p. 88.

⁴⁷ CUNHA, 2006, p. 94

sociedade da qual existem, vivenciando as questões mais diversas, mas que, têm uma postura diferente, pois isso mesmo, têm uma relação consciente com Ele, se direcionam pela palavra de Deus – a Bíblia – e procuram ser guiados e orientados pelo Espírito Santo e, têm em Jesus Cristo, não apenas um referencial, mas Seu Senhor, Salvador e Mestre e, por isso mesmo, se tornam “luz do mundo” em que vivem.⁴⁸

Coccaro descreve que qualquer tentativa de contextualizar a boa-nova, sem ações apropriadas, pode destruir o testemunho da igreja. Mesmo a pregação que se preocupa com aspectos da contextualização na mensagem não é uma garantia de que o sermão irá realizar as expectativas⁴⁹, compreender o mundo e o momento é um dos desafios da teologia pastoral prática e enfrentar os riscos da fragilidade humana.⁵⁰ Diante desse cenário surge a pergunta de qual deve ser a conduta do pastor? Esse é o destaque do próximo subponto.

3.2 A conduta do pastor

Schach discorre a respeito da postura do pastor quanto ao bom andamento da igreja. Ele menciona que atualmente muitos pastores estão fazendo curso, seminários especiais e lendo muita coisa sobre o crescimento da igreja. No entanto, ele observa que a melhor maneira de contribuir para com o bom andamento da igreja é, “pregar a Palavra com autoridade, além disso, chamar os cristãos a viverem uma vida de completa obediência a Cristo”.⁵¹ O anseio com o crescimento da igreja chega a ser tão intenso que muitas vezes se esquece que a denominação de ovelhas dada ao fiel é apenas ilustrativa.⁵²

Apesar de saber que as ovelhas possuem características que podem ser aplicadas aos seguidores de Cristo, de fato os fiéis são muito mais do que ovelhas. São pessoas que precisam de outras pessoas, tendo em vista o desenvolvimento de bons relacionamentos com o próximo e conseqüentemente com Deus. Contudo, há muitos pastores que deixaram de ser parte do corpo da igreja, passando a ser um profissional, uma espécie de especialista em assunto sobre o corpo de Cristo. Muitos desses só aparecem nos púlpitos, entram e saem pelas portas dos fundos, quando muito, só se encontram com seus membros no gabinete.⁵³

É de extrema importância que o pastor esteja muito atento ao relacionamento entre os “bancos e púlpito”, (ouvintes e pregador). Jamais se deixar levar pela influência e por aquilo que os ouvintes gostariam de ouvir. O pastor, na função de mensageiro de Deus, deve anunciar a mensagem totalmente direcionado por Deus. Nesse sentido, Schach faz a seguinte observação:

Se uma pessoa se ofende ao ouvir as Escrituras, isso é problema dela. Se ela se ofende com a doutrina bíblica, com padrões ou com a disciplina eclesiástica, isso também é problema dela, pois tal pessoa se ofende com Deus. Mas, se ela se ofende com nosso comportamento ou modo de agir –

⁴⁸ CUNHA, 2006, p. 95.

⁴⁹ COCCARO, 2016, p. 19-20.

⁵⁰ BRITO, 2016, p. 101.

⁵¹ SCHACH, 2003, p. 78.

⁵² CUNHA, 2006, p. 161.

⁵³ CUNHA, 2006, p. 161.

sem importar o que o quanto estes sejam bons e aceitáveis em si – então, o problema dessa pessoa se torna o nosso problema. Não se trata de uma questão de lei, mas de amor; e o amor sempre demanda mais do que a lei.⁵⁴

Porém, o pastor não deve desconsiderar a situação dos seus interlocutores; ele está ciente para que tipo de público que está ministrando a palavra: crentes, descrentes, leigos ou doutores. Isso não quer dizer que os ouvintes não irão querer controlar o púlpito, mas que compete ao ministrante avaliar as condições e a posição dos seus ouvintes.⁵⁵

O pregador deve pregar de maneira clara para que as pessoas entendam o que ele quer transmitir. Isso se torna ainda mais importante em sociedades pós-cristãs ou em contextos de intenso analfabetismo bíblico. O pastor deve evitar o “cristianês”, visto que uma das dificuldades na compreensão da mensagem é que os pregadores não estão falando a língua do público. Por exemplo, ele escolhe a palavra “pecado”, aplicada a certos comportamentos, e mostra algumas expressões semelhantes para comunicar o sentido do pecado para as pessoas: “separação de Deus”, “alienação do Criador”, “a condição de estar desconectado de Deus” e “errar o alvo da perfeição divina”, esse tipo de vocabulário deve ser evitado. Fato é que as pessoas que vivem nesse contexto atual e secularizado, incluindo os próprios membros da igreja, na maioria das vezes não compreendem o vocabulário religioso.⁵⁶

Um grande perigo de alguns pastores no contexto atual é de conduzirem a igreja como se fosse uma empresa, e quando menos espera, os mesmos gostam da ideia de ser profissionais de sucesso aos olhos do mundo. No contexto empresarial, as pessoas têm o objetivo de construir carreira gloriosa e alcançar altas posições. No entanto, o conceito de sucesso de um pastor é definido por Deus. Nesse sentido, um pastor bem-sucedido não é aquele que faz e acontece, mas aquele que está no lugar onde Deus gostaria que ele estivesse e vivendo em total obediência à vontade soberana daquele que o chamou.⁵⁷

Infelizmente, a nação está vivendo uma crise de caráter institucional, uma falta de credibilidade sem fim. Não muito distante das instituições denominadas seculares, a crise de moralidade atingiu de forma vergonhosa as instituições religiosas. Muitos líderes religiosos têm enriquecido de forma ilícita em nome da fé. Homens sem escrúpulos atrás de púlpitos, fazendo da igreja uma empresa lucrativa. Para a vergonha de muitos, surgiu até a expressão: “pequenas igrejas, grandes negócios; grandes igrejas, lucros estrondosos.”⁵⁸

Muitas vezes motivados pelo sucesso e pelo desejo de suprir as expectativas dos outros, muitos pastores são engolidos pela obsessão pelo sucesso, quando menos percebem estão sem forças e doentes espiritualmente. Quando isso não é o bastante, causam também grandes danos à família, tendo em vista que, anteriormente, ficaram obstinados por eventos e cumprir tarefas que os afastassem do seu lar. Nesse contexto de administrar a igreja e a

⁵⁴ SCHACH, 2003, p. 80.

⁵⁵ SCHACH, 2003, p. 80.

⁵⁶ COCCORO, 2016, p. 20-21.

⁵⁷ BUHR, João Rainer. **O sofrimento do pastor**: um mal silencioso enfrentado por Paulo e por pastores até hoje. Curitiba: Esperança, 2017, p. 69-70.

⁵⁸ LOPES, Hernandes Dias. **De pastor a pastor**: princípios para ser um pastor segundo o coração de Deus. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 27-48.

família, uma das ferramentas indispensáveis para um pastor não se perder no tempo e não se deixar sufocar pela demanda é ter uma agenda que lhe permita administrar o seu tempo.⁵⁹

Certamente, Deus deseja usar um obreiro trabalhador, difícil dia será o último dia para aquele que não trabalhou arduamente em seu ministério, pois terá que prestar contas a Deus por aquilo que Dele recebeu. Os pastores que desejarem uma vida ministerial fácil também não são dignos do púlpito cristão. Não deve ser um pregador preguiçoso, nem ser antiquado, inútil, sem que nada de novo brote da sua alma para alimentar as pessoas. Deve ser um estudante constante e usar a inteligência em seu ensino; acima de tudo, deve colocar seu coração e mente na transmissão da mensagem. Sempre a sua última mensagem deve lhe parecer como se tivesse lhe entregando a vida.⁶⁰

O pastor precisa ensinar continuamente a Palavra com fidelidade, deve ter sempre em mente que é um discipulador e um mentor que deve nutrir as ovelhas de Cristo. Lopes, descrevendo o compromisso do pastor, observa que o pastor deve cuidar de todo o rebanho e não apenas das ovelhas dóceis (At 20.28). Além disso, ele deve ter em mente que o pastor não é o dono do rebanho, mas um servo. Ele ainda observa que o pastor jamais deverá impor-se arbitrariamente como líder do rebanho, mas lembrar que foi o Espírito Santo quem o constituiu bispo para pastorear.⁶¹

O texto de Lucas 15.1-7 descreve a ovelha perdida. Ao analisar essa passagem, Falcão descreve:

O pastor não deve estar incomodado com a falta que a centésima ovelha faz ao rebanho, mas com a falta que o rebanho faz para a centésima ovelha. Ao partir em busca da ovelha perdida, o pastor não está preocupado com a integridade do rebanho, mas com a integridade da ovelha. O sofrimento de que a ovelha padece (frio, fome, feridas, ameaças dos predadores, solidão) deve sensibilizar o pastor e levá-lo a tomar iniciativa de ir buscá-la. Você não estará agindo para manter ou melhorar a sua imagem de pastor, mas para restaurar a imagem de Cristo na alma da ovelha tresmalhada.⁶²

Brito, ao avaliar o comportamento das “ovelhas”, concluiu que a ovelha é um animal vulnerável, que não tem meios próprios para defesa; é uma presa fácil para qualquer animal feroz (1Pe 5.8). O pastoreio é vital, tanto no coletivo, quanto no individual. O pastor precisa ter em mente que exercer o ministério pastoral é o teste final do chamado para ser pastor. Não é uma tarefa fácil. Os pastores existem por causa das ovelhas/igreja. Isso implica amar as ovelhas.⁶³

⁵⁹ BUHR, 2017, p. 60-61.

⁶⁰ SPURGEON, Charles. **Conselhos para obreiros**: o príncipe dos pregadores orienta os ministros da igreja. Trad. Daniel Santos e Lucília Marques. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 59-60.

⁶¹ LOPES, 2008, p. 127-128.

⁶² SOBRINHO, João Falcão. **Agora sou pastor**: orientações e concelhos práticos para pastores. Curitiba: ADSantos, 2011, p. 59.

⁶³ BRITO, 2016, p. 106.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando o contexto da pós-modernidade, frente à mentalidade que foi sendo formada na sociedade de modo geral, bem como no aspecto religioso, conclui-se que, embora haja desafios ante a missão de pastorear, o pastor, acima de qualquer outra coisa, necessita de conhecer o “seu Pastor”. O apóstolo Pedro (1Pe 2.25) apresenta uma análise sobre qual é a condição do homem sem Cristo: “Porque éreis desgarrados como ovelhas; mas agora tendes voltado/vos convertestes ao Pastor (ποιμένα - *poiména*) e Bispo (επισκοπον - *épískopo*) da vossa alma”.⁶⁴ Conhecer a Deus é de fundamental importância para a vida.⁶⁵

A igreja é a noiva do Cordeiro, a menina dos olhos de Deus, a qual ele comprou com o preço do sangue de Seu único filho. O pastor deve cuidar com muito zelo da igreja, deve ser um guardião do rebanho e ficar atento para com as heresias que estão sendo ensinadas na contemporaneidade. Acima de tudo, o pastor deve ser totalmente obediente à Palavra de Deus, manter uma vida devocional ativa e não apenas nos fins de semana. “Pastorear uma igreja sem ler continuamente a Bíblia é como dirigir um navio sem consultar frequentemente o mapa dos oceanos”⁶⁶, correndo o risco de ser levado por qualquer vento de doutrina que é apresentado na atualidade.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. 165 p.

BRITO, Neilson Xavier. Salmo 23.4: uma proposta de modelo pastoral para momentos de crise. **Revista Ensaios Teológico**. v. 2, n. 01. Ijuí: Junho/2016. p. 98-111.

BUHR, João Rainer. **O sofrimento do pastor: um mal silencioso enfrentado por Paulo e por pastores até hoje**. Curitiba: Esperança, 2017. 160 p.

COCCARRO, Giuliano Letieri. Pregando num “mar de mudanças”: contribuições a partir do conceito de contextualização de Newbigin. **FIDES REFORMATATA XXI**, n 2. 2016. p. 9-34.

CUNHA, Paulo R. **A sedução: os efeitos da pós-modernidade na Espiritualidade**. Curitiba: Esperança, 2006. 192 p.

FALCÃO SOBRINHO, João. **Agora sou pastor: orientações e concelhos práticos para pastores**. Curitiba: ADSantos, 2011. p. 59.

FONTENELLE, Isleide Arruda. **Pós-modernidade: trabalho e consumo**. São Paulo: Cengage, 2008. 104 p.

HORN, C. III; KLOOSTER, F. H. BISPO. In: **Enciclopédia Histórica-Teológica da Igreja Cristã**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2009. Vol. 1, 510 p.

⁶⁴ SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL, 2018, p. 930.

⁶⁵ BRITO, 2016, p. 106.

⁶⁶ FALCÃO SOBRINHO, 2011, p. 136-137.

KRÜGER, Harriet Wondracek. **A teologia que vem dos palcos evangélicos**. Curitiba: ADSantos, 2017. 224 p.

LIMA, Daniel Barros. Cosmovisão cristã: a transformação da mente cristã na contemporaneidade. **Protestantismo em Revista**. São Leopoldo: v. 36. Jan./abr. 2015. p. 48-63.

LOPES, Hernandes Dias. **De pastor a pastor: princípios para ser um pastor segundo o coração de Deus**. São Paulo: Hagnos, 2008. 167 p.

MACARTHUR Jr, John. **Redescobrimo o ministério pastoral**. Rio de Janeiro: CPAD, 1998. 452 p.

MARTINS, Jaziel Guerreiro. Pós-modernidade e teologia. **Revista Via Teológica**, n. 7. Curitiba. 2003. 144 p.

MARTINS, Jaziel Guerreiro. O Espírito e a cosmovisão da pós-modernidade. **Revista Via Teológica**, n. 6. Curitiba. 2002. 123 p.

RAMOS, Robson. **Evangelização no mercado pós-moderno**. 2.ed. Viçosa: Ultimato, 2009. 112 p.

RENDTORFF, Trutz; GISEL, Pierre. (Org.). MODERNIDADE. **Enciclopédia do protestantismo: teologia, eclesiologia, filosofia, história, cultura, sociedade, política**. Tradução de Norma Cristina G. São Paulo: Hagnos, 2016. 1936 p.

SADOVIK, Iuri de Brito. **O significado do casamento na sociedade pós-moderna**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2018. 45 p. TCC de Bacharel em Teologia.

SALINAS, Daniel; ESCOBAR, Samuel. **Pós-modernidade: novos desafios à fé cristã**. 2.ed. São Paulo: ABU, 2002. 97 p.

SCHACH, Vanderlei A. **A inflação da Palavra de Deus na pós-modernidade**. Ijuí: Seminário Teológico Batista de Ijuí, 2003. 103 p. TCC de Bacharel em Teologia.

SILVA, Claudemir Pedrosa da (Org). **Minidicionário bíblico**. São Paulo: Equipe DCL, 2012. 512 p.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia Sagrada**. Nova Almeida Atualizada. Trad. João F. de Almeida. São Paulo: SBB, 2018. 960 p.

YOUNGBLOOD, Ronald F.; BRUCE, F. F.; HARRISON, R. K. **Dicionário ilustrado da Bíblia**. Tradução de Lucília M. Pereira. São Paulo: Vida Nova, 2004. 1443 p.